

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondência deve ser dirigida ao DIRECTOR: EDGAR LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Nesta

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS
ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

O anticlericalismo

Ninguém pode esconder que o facto culminante desta hora da civilização é o esforço magnifico da intellectualidade mundial repulsoando os ensinamentos absoletos, os dogmas terrificantes do romanismo decadente.
Em todos os paises, congregam-se elementos de combate ás manobras do Vaticano que, explorando a imbecilidade humana, pretendem eternizar o seu dominio exercendo sobre as consciencias.
A Igreja Catholica não se contenta com a magnanimidade dos governos permitindo o exercicio de um fetichismo grosseiro, embrutecendo e fanatizando as massas.
Não se contenta em expor uma farandulagem pomposa no interior dos templos, a sua carnavalesca ostentação objectivada em procissões, em repiques de sino e foguetorio atroador. Acha insignificante as immensas riquezas acumuladas em suas arcas por effeito de um culto movido exclusivamente pelos interesses de ordem material.
Não lhe bastam as pingues receitas que as missas, baptizados, sermões, casamentos... fazem derivar para os seus malheiros repletos, tilintando de ouro e pedrarias faiscautes.
A sua ambição possui uma elasticidade incommensuravel.
A conquista dos bens temporales, do luxo, da vaidade, quer adicionar a subjugação das consciencias.
Préga o dogma do inferno, a infallibilidade papal, os pavores da excommunição para incutir a pusillanidade e obter a subseqüencia das multidões.

Anathematiza a sciencia porque precisa evitar a todo transe que raciocine sobre os mysterios da eucharistia, da santissima trindade e de outras concepções sem nexo, destinadas a entreter a fé cega nos cerebros vencidos, esmagados pelo obscurantismo.
A maior parte do clero está profundamente convencida dessas baboseiras e infantilidades postas em voga, ha seculos, quando a ignorancia generalizada era um terreno excepcional á sua florescencia.
A maior parte desses representantes caricatos de Jesus, continuadores de S. Pedro, como fazem crer aos povos, é materialista até á medulla dos ossos. Está convencida de que o romanismo é uma grande ulcera no organismo das collectividades.
Mas prefere continuar a degradante comedia da hypocrisia, produzindo lucros faceis, a vir para a luta social onde o trabalho honesto e fecundo exige sacrificios, canseiras e, não raro, heroismos que ficam ignorados, geralmente, na sombra do anonymato.
E' tempo da humanidade sacudir o jugo feroz das legiões do papa.
Colligam-se os espiritos liberaes, conjuguem as suas forças vivas contra todos os despotismos mascarados com a invocação sacrilega de Deus, contra todas as intolerancias que só têm ensanguentado o solo das nacionalidades... e em breve rasgar-se-á na historia uma era de paz, justiça, amor, enlaçando os corações para a suprema conquista da fraternidade universal.
Vianna de Carvalho.

Os crimes da Igreja



Supplício de Joanna d'Arc que, depois de queimada viva pela Igreja, foi por ella canonizada.

O beijo que salva!

Está que é um primor a 1.ª pagina (sem reclame) do grande jornal carioca o Correio de domingo passado.
Como me acho satisfeito de ter puxado do fundo do bolso estes cinco vinténs que nesse dia vieram matar a fome do meu espirito sedento de saber e de luzes!
Este alimento sagrado foi-me fartamente, abundantemente, prodigamente fornecido num desperdicio e liberalidade taes que parto me acho como ao sair do mais lauto banquete.
Ah! como a minha fibra de patriota e crente, ha muito amollecida por uma falsa philosophia subversiva e malsã, vibrou de novo com toda intensidade de que é capaz, depois de ter lido, relido, analysado as sete columnas suggestivas e cheias de logica impecavel e substanciaosa dos insignes escriptores que enriquecem as columnas do mais lido de todos os jornaes da capital da Republica!
A primeira chronica tem por titulo — A mulher e a bandeira — e traz a data de 5 de abril — Lisboa. Para que se faça uma ideia justa do que é esse artigo, ahí vai o final do ultimo parographo:
«As mulheres hespanholas, que não sabem, positivamente, o que hão de fazer a todos os beijos que continuamente lhes nascem nas boccas appetitosas, vão galantemente crear esse outro beijo, esse inédito beijo da patria, o beijo que se offerta á passagem da bandeira, o beijo que, nascendo á vista do symbolo nacional, não deixará de ser a melhor garantia do futuro da raça e mais uma causa de leveja para as companheiras do alferes que levar, nos dias grandes, o libano de ouro e sangue.»
Hervé, cobre-te de vergonha, de nada te servirá o que fez este official millionario do exercito francez que tu subverteste com a tua campanha antimilitarista e as mentiras e feias coisas que prégas. Este louco que, não satisfeito de te enviar todos os meses mil francos durante os quatro annos

que tens de passar nas masmorras republicanas da França de 89, ultimamente levou a demencia ao cumulo de pôr á tua disposição 500 mil francos (cerca de 300 contos) se o governo não te abrir as portas da prisão já e já!
E vós pacifistas, para trazerem as mulheres queremos que os nossos filhos adorem o pendão symbolico em torno do qual se morre e mata, como actualmente em Marrocos ou na Tripolitania e nos futuros campos de batalha. A guerra é agradável a Deus.
Assim deve pensar a escriptora hespanhola condessa de Pardo Bazan e todas as damas da aristocracia mundial!
Entretanto, ainda não se quiseram convencer disto as mulheres do povo, como por exemplo as dos mineiros inglezes e outras mais.
Outro artigo, o ultimo da pagina e que termina no começo da primeira, reduz os republicanos portuguezes á expressão mais simples, e, como sempre, o articulista fala-nos na proxima invasão de Paiva Couceiro, o que tem sido uma mina de ouro, dizem, para o jornal em que prophetiza, porque nove decimos da colonia desta grande cidade espera ansiosa a volta do rei e a restituição á Igreja Catholica das suas seculares prerogativas e privilegios.
Cita o telegramma que diz estar Couceiro em Camposancos, villa hespanhola fronteira a Caminha, e acrescenta: «Oxalá assim seja, e que o troar da artilheria realista indique ao universo que chegou a hora da liquidação de um regimen que assassinou um rei e um principe, que maculou uma bandeira sagrada, substituindo-a por um pavilhão que a lealdade portugueza repelle e não reconhece, e que suffocou a liberdade de consciencia de um povo que era livre, não lhe respeitando ao menos a creença religiosa!»
E termina alegremente:
«Vai começar a Inana!»
Como viram pelas transcrições que fizemos, é o combate a peito descoberto, a carga cerrada, a fundo contra as theorias diabolicas que irradiam deste fóco de revoluções que é a capital fran-

ceza, que ha um seculo vêm derubando imperios e reinos e ameaçando em sua obra, a sciencia procura investigar com o auxilio da razão, da intelligencia humana a causa desconhecida de factos que se dão e que ella não pôde explicar actualmente. Quer isto dizer que os factos, a que nos referimos são milagrosos? Não. Existe de certo, o incognoscivel, mas este incognoscivel se vai restringindo, á medida que a sciencia progride. Assim: houve uma época, em que a causa dos raios e trovões era desconhecida. Hoje esta causa não é mysterio para ninguém.
«Não sei a causa desse iacto, mas saberei!» tal é a resposta que dá a sciencia. E, incansavel, prosegue as suas investigações, com tanto mais ardor quanto maiores forem os obstaculos. Se assim é, não pôde haver milagre, isto é, não pôde occorrer um phenomeno contrario ás leis conhecidas que regem o universo.
Essas leis são implacaveis. Não as commovem a angustia terrivel de um irmão que vê morrer na flor da idade a seu irmão querido, o lancinante desespero de infeliz mãe que sabe condemnado o seu filho extremecido. Mesmo admitindo a existencia de Deus, o milagre é impossivel. Para os que admittem Deus, as leis naturaes estabelecidas por este ser omnipotente são sábias, perfeitissimas. Ainda nessa hypothese o milagre é inaceitavel. De facto a modificação de uma lei, importa, é obvio, na melhoria della. Sendo assim a lei natural modificada não é sábia, o que é absurdo. A revogação de uma dessas leis importa na inutilidade della ou na injusticia que della resulta. Absurdo maior, pois vale a dizer, que a lei natural revogada era injusta ou inutil.
E' crível que Deus tivesse pres-

cripto leis que precisam ser revocadas, ou modificadas? E' crível que Deus dê aos homens, o funesto, o pernicioso exemplo de desobedecer a leis que elle mesmo prescreveu? Não, meus senhores, isto não é serio.
Si acreditasse em Deus, negai o milagre.
Juntai-vos a nós, como os espiritos, e como os di-cipulos de Satan, negai o milagre, como incompativel com a sabedoria, a presciencia de vosso Deus.
Negai o milagre, juntai-vos a nós, pois o milagre, contradicção de uma lei natural, é a negação da sapiencia de Deus. Negai o milagre, e affirmar connosco que phenomeno algum, contrario ás leis naturaes pôde occorrer.
Rio, 25 — 3 — 1912.
Eduardo Vital.

MILAGRES
Sustentar que um phenomeno pôde occorrer independente ou contrario ás leis naturaes que regem o universo é uma estulticia. Milagre não ha, não pôde haver. De facto, o mundo e os outros astros, que temos brilhar na immensidade, são regidos por leis fixas, eternas, immutaveis.
Eis o que sustenta a sciencia, isto é um dos axiomas da grande mestra. Se assim é, se essas leis são immutaveis como se podem alterar?
A causa dessas leis, a sciencia desconhece é certo; mas, pondo de parte as explicações metaphysicas, a sciencia estuda, investiga e ha de chegar o dia em que o que resta de incognoscivel na natureza se patenteie, claro, insophismavel aos olhos de todos.
A tendencia da hodierna geração a leva para a analyse e a critica, desmoronados os dogmas, perdida a fé religiosa, procura a sciencia a chave dos mysterios que a natu-

BRUXARIA
(Conte portuguez)
Naquelle pequena aldeia remota, despenhada no cavado dum valle, apertada entre serranias altas, onde todos pacificamente nasciam, viviam pacificamente — trabalhavam, casavam, procreavam — e pacificamente morriam, na tranquillidade enorme e suggestiva dos campos, manchados pelas néboas fulvas de grandes bois mansos, ninguém vira jamais um «passaro» assim, de bico curvo, e olho redondo, as penas de cores brillantes... Por isso o assumpto das palstras, ao serão, era o papagaio do «brasileiro».
Já quando este chegara, o panico fóra geral. O «brasileiro» tinha chegado certa manhã, no comboio do Douro, á estação mais proxima da aldeia — tres leguas bem puzadas. Era uma estagãozinha garrida, com um pequeno jardim todo florido de rosas-cha, e onde vivia, com mulher e tres filhos, um chefe gorducho e de barba grisalha.
Foi um acontecimento. A noticia espalhou-se depressa, na resposta, pe-

las poucas casitas do lugar. Até o Za da Quinta, que tinha de ir á feiré distante vender os toiros, teve pena de não ficar para assistir á chegada festiva do «brasileiro». Coisa de doia mezes antes, já a mãe, vellota, com servada, recebera do «filho do Brasil» uma carta e dinheiro para comprar a casa que fóra do «padrinho» — «ata ver», dizia elle, porque «dipsis» mandé fazer um «chale» e comprar uma fazenda Grassão á Deus, tenho com que viver». Na venda do Mathens, onde havia boa pirga do verbasco, o caso fóra profundamente commoventado. O Ponedas disse ao taberneiro:
— Então amará (auton amenhão — como elle dizia) temos cá o nosso «brasileiro», o Joaquim da M3.
— Diga ao sr. Joaquim de Sousa Soares, compadre, que vi eu na carta pra mãe, emendara o Mathens. E ajuntara: «O compadre, quem havia de dizer que aquelle rapazinho, que fó pra Brasil sem uma camisa pra vestir, havia de voltar um «ricaco»?
— E' verdade, compadre. E diz que vai mandar fazer um «chale» pra mãe e comprar fazenda pra um vestido. Hã ser coisa rica!
Gloriosa manhã, á da chegada. No pequeno loga da estação esperava o certo mandado fretar na villa. Na venda fronteira, com um banco de pinho á porta, sobre o qual um gato fechava os olhos somnolentemente, o «chheiro» bôbia com a familia do «brasileiro». Cá fóra, havia um carro de favoira, em repouso, sem os bois; uma gallinha com pintos esgaravatava na terra molle, chamando os filhinhos; e a um cento, junto a um muro baixo, alinhava-se um girandola de foguetes, ideia do compadre da Eira.
Foi-se aproximando a hora. De repente, a campainha de aviso badalou. Todos se apressaram, limpando as beijas á manga da jaqueta. O sol picava já.
Novo toque de sineta, um apito ao longe e a locomotiva appareceu numa curva da estrada. Vista de frente, parecia avançar lentamente... depois precipitou-se, assustou um bando de pariaes, que fugiu do jardim numa chiada alegre, passou rapidamente pelo grupo, que recuou, e parou resfolegante. Houve na gare um movimento, ansioso de curiosidade. A Anninhas, sobrinha do «brasileiro», ficou mesmo em frente duma segunda, onde um joven, typo de estudante, disse para dentro:
— O' rapazes! venham vocês ver este peixão!
Mas já todos corriam para uma carruagem de primeira, donde saíra um homem cheio, tostado do sol, de bigode e moesa em que reluziam brancas, labios grossos, roupa clara... Era elle: era elle, não havia duvida; via-se pelo retrato que elle mandára. E foram abraços, perguntas, lagrimas e risos. O «brasileiro» falava desvagar, arrastadamente, accentuava as syllabas. E tinha um riso pensado e grosso, que lhe fazia tremor, sobre a barriga enorme, a enorme corrente de ouro. Apearam-se tambem a mulher — uma mulata, e dois filhinhos.
De repente, o «brasileiro» lembrou-se do que quer que fosse, procurou em roda e viu ao pé a Anninhas:
— O' moça, faz favor, me vai buscar o papagaio.
A Anninhas não comprehendeu. Ninguém comprehendeu. E ficou tudo boquiaberto, quando o chefe da estação, muito amavel, trouxe o bicho empoleirado, aos gritos. Só serenou o espanto, ao subir a girandola, que o compadre da Eira fora sorrastamente incendiar.
Fez-se um grande rebolição no comboio. A todas as portinholas assomaram cabeças curiosas e risosinhos. Em cada janela de terceira, havia tres e mais, espreitando. Um gritou: Viva a pandega! E até um majestoso conselheiro, que viajava em carruagem-sala, appareceu alvorçado, não fosse para elle a homenagem.
Agora, na aldeia, todos admiravam a ave estranha e ninguém vira jamais um «passaro» assim, de bico curvo, o olho redondo, as penas de cores brillantes... O João, filho do Ponedas, namorado da Anninhas, com quem ia casar lá para as vindimas, contou em casa della uma historia que muito fez rir. Batéra á porta do «brasileiro» e

CAUTERIOS
LXV
Pobres crentes, é gente sem titolo, Malditos da raça, gente maluca, Tira da vossa mente o embuço tolo, Que vos torna sandeus, que vos machuca.
Tendes a vossa fé como um consolo, (O consolo que dá uma peruca Nem tal, que esta resguarda dum errolo A uma cabeça calva e já esduca.
A simples brisa muitas vezes basta Para deixar a vossa calva á mostra, Da fé, no entanto, nada vos falta.
Amais a fé vos deixará liberto... E' embalde a luz que lá dá vos demon... Sois cegos, tendo os olhos bem abertos!
Beato da Silva

Elles, os que trabalham em labores exhaustivos; elles que, encerrados em estreitos e deficientes espaços, ás centenas, sem ar sufficiente, sem luz, sem os necessarios meios de hygiene e prophylaxia, exgottam as suas forças, dia por dia, em trabalhos rudes e grosseiros e, por vezes, no meio de drogas deleterias ou num ambiente mephitico pelas emanções nocivas de gazes venenosos, entre as engrenagens e transmissões mortíferas das modernas possantes machinas, em risco mil e mil vezes da propria vida; elles, os párias, os desherdados da sorte, elles nada possuem, nada são e nada valem!...

Escarneo cruel de uma sorte atroz! Irrisões extranhas de um destino mais duro que o granito! Esteio primordial da industria, do commercio, da civilização emfim, é comtudo o operario o ultimo dos seres mais abjectos, o individuo mais repellente e desprezível que cobre o sol!

Elle, a mola poderosissima que movimenta todo o orbe, sem a qual voltaríamos ás éras obscuras do troglodyta, elle, nada mais mais merece do que uma cõde dura de pão, que tambem não se nega ao mais sarnoso dos cães e, além disso, condimentada com o mais affrontoso e sanguinolento desprezo!...

Elle, que devêra ser incluído entre os beneficeiros da humanidade, é o derradeiro na escala zoológica racional!

E isso porque a ganancia sordida dos exploradores desse infeliz se esqueceu de que este é tão bom como aquelle e que o explorador em nada, mas absolutamente em nada, é superior ao explorado, estando mesmo o mais das vezes abaixo delle em sentimentos nobres e generosos.

R.

(S. Paulo).



HORARIO SINGULAR

Numa folha catholica hollandesa (De Christelijke Aktie) e á entrada dum convento catholico, na Prussia rhenana, lê-se o seguinte:

***VIAGEM PARA O CEU**

PARTIDA: A qualquer hora do dia.

CHEGADA: Segundo a vontade de Deus.

TRENS DIVERSOS: a) Trem rápido para 1.º pobreza voluntaria; 2.º castidade eterna; 3.º obediencia absoluta. (O rápido é pois reservado aos membros das ordens catholicas que assumiram e cumpriram esses três compromissos).

b) *Trens expressos* (só 1.º e 2.º classe) para: 1.º temor de Deus; 2.º exercicios de piedade; 3.º emprêgo frequente dos santos sacramentos.

c) *Trens omnibus:* 1.º, 2.º e 3.º classe, para 1.º observação dos mandamentos divinos; 2.º cumprimento dos deveres profissionais e outros.

Tarifa das mercadorias: 1.º classe: caridade e dedicacão; 2.º classe: desejo e luta; 3.º classe: temor e emenda.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES: 1.º Não ha trens de recreio. 2.º Não se vendem bilhetes de ida e volta. 3.º Tomam-se passageiros durante todo o percurso. 4.º As pessoas que não queiram perder e trem nas ligacões, nem parar muito tempo na penultima estacão, sirvam-se enviar de antemão o seu volume de boas obras. 5.º As crianças que não tenham ainda a idade da razão viajam gratis, mas somente indo ao collo de sua mãe, a santa Igreja.

E dizer que não se trata duma anecdota inventada, mas duma rede armada aos tolos e impressa a sério num convento e num jornal pio! Não se sabe o que mais admirar: se a manha do autor, se a simplicidade dos leitores.

Mas ha ainda um ponto instructivo: no trem rápido achamos o que enche os bolsos de Roma e lhe fornece soldados cegos. Ao passo que a caridade, a dedicacão e o cumprimento dos deveres só se encontram no trem omnibus ou nas mercadorias, e ainda ali não estão no primeiro lugar.

Não se vê nisso claramente a incompatibilidade absoluta da moral catholica com a verdadeira moral humana? O que esta ultima colloca em primeiro lugar e considera, com razão, como seu fundamento, põe na primeira na reatguarda.

E' bom ás vezes analisar os empregados pela Igreja para arrebanhar os seus fiéis.

LUX.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Ao povo de S. Paulo

Povo! Cidadãos!

Como já teréis constatado, a vida nesta cidade torna-se cada vez mais cara, devido á insaciavel avidez dos parasitas que açambarcam todos os viveres e as habitacões desta resignada S. Paulo.

Quando é que nesta capital os generos alimenticios e os alugueis de casas chegaram a preços tão exorbitantes?

Em 23 annos de Republica, lembremo-nos que só uma vez — em 1897 — os viveres e alugueis de casa chegaram quasi aos deshumanos preços de hoje, mas nessa época esse phenomeno era em parte explicavel por causa das revoluções intestinas que assolavam diversos Estados da Republica.

Mas hoje, onde está a razão de ser dessa anomala carestia?

Será uma razão de Estado?

Não. O Estado encontra-se em muito floridas candições, segundo as proprias declarações dos governantes.

Qual então a razão de encarecerem os alugueis e os generos alimenticios a preços insuportaveis, enquanto o preço da mão de obra permanece estacionaria? Talvez pelos impostos municipaes?

Porém, sabe-se que esses impostos foram augmentados na razão de um por cento ao anno, e os senhorios augmentaram o aluguel até de cincoenta por cento ao mez!!!

Qual a razão de tambem augmentar nessa mesma proporção os generos alimenticios? Será por falta de café, por não o cultivarmos mais? Por falta de feijão talvez? Será porque o arroz e outros generos são importados e pagos mais caros devido a não serem cultivados sufficientemente no nosso paiz?

Porque augmentaram de cento por cento o preço do assucar?!!

Este é um anormal estado de coisas, criado por uma sucia de vulgares usurpadores, que especulam vergonhosamente sobre o sangue do povo, que não tem nem casas, nem terras! A culpa desta afflictiva situacão cabe a todos os grandes usurarios de S. Paulo, que nos querem espoliar e collocar-nos na dura contingencia de agir!

Cidadãos! Trabalhadores!

Não permittamos que esses deshumanos usurpadores privem os nossos filhos do necessario bocadinho de pão e da indispensavel habitacão!

Se agora aqui em S. Paulo a vida nos custa 50 por cento mais cara, como devemos resolver este problema? Apertar mais a já apertada cintura dos nossos filhos e a nossa... na proporção de 50 por cento, para engordar mais os parasitas proprietarios de casas e dos usurpadores de trusts?!

Isso não pode nem deve continuar! Ficaria comprometida a nossa existencia e a dos nossos filhos!

Devemo-nos agitar e agir!...

Nós devemos e podemos reagir contra essa ladroeira escandalosamente illegal. E' necessario que tambem as autoridades competentes intervenham para pôr um dique a essa pirataria em detrimento dos trabalhadores e de todo o povo! E' isso só conseguiremos quando fizermos setir o nosso vehemente protesto.

Cidadãos! Trabalhadores!

Pelo commum interesse, sois convidados a tomar parte na grande reunião que se realizará no domingo, 5 de maio, ás 9 horas da manhã, no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo, 39.

S. Paulo, 30 de abril de 1912.

O Comitê de Agitação Contra a Carestia da Vida.

1.º de Maio

Em S. Paulo a commemoração do 1.º de Maio teve um brilhantismo pouco commum.

Foi uma jornada de larga e fecunda propaganda que, tudo faz esperar, trará resultados praticos e duradouros para o movimento operario deste Estado.

Do que nesse dia se fez em S. Paulo, podemos dar apenas um palido resumo.

Na noite de 30 para 1.º realizou-se a annunciada velada de propaganda, que teve uma grande concorrência.

Foi representada com agrado a peça em um acto *Don Pietro Caruso* e uma farça em um acto. Não se encontrando em S. Paulo o companheiro encarregado de fazer uma conferencia, substituiu-o Edgard Leuenroth, pronunciando breves palavras sobre a agitação contra a carestia da vida e convidando os assistentes a tomar parte na commemoração de 1.º de Maio.

A paralização do trabalho nesse dia foi muito maior do que ha annos passados, notando-se por toda a cidade grande movimento de operarios.

A's 8 horas da manhã partiu o operariado do bairro da Moóca, precedido das bandeiras do C. de E. S. Francisco Ferrer e do C. S. Internacional e de uma banda de musica, para o largo da Concordia, onde teve lugar o comicio promovida por essas agremiacões.

Como era de esperar num bairro essencialmente operario como o Braz, este meeting teve uma concorrência enorme, que applaudiu com enthusiasmo os diversos oradores que ali falaram.

O comicio do Salão Celso Garcia então teve uma rara importancia. Antes mesmo da hora marcada, no salão já se abrigava uma grande concorrência, que foi se avolumando sempre mais até a chegada dos associados da União dos Canteiros que, tendo-se reunido na rua da Consolacão, vieram incorporados, percorrendo o triangulo central precedidos de uma bandeira e de uma banda de musica. A' sua chegada falou um operario da sacada do salão convidando o povo a entrar.

A's 9 e 11½ teve inicio a gran-

de reunião, falando por encargo da União dos Canteiros o companheiro Edgard Leuenroth. A seguir falaram muitos oradores em nome das sociedades representadas, das quaes nos escapam agora os nomes.

Quasi ás 11 horas, foi a attenção da colossal assembleia atrahida pelo *Hymno dos Trabalhadores* cantado na rua por centenas de vozes. Era a columna do Braz que acabava de chegar. Impossivel seria descrever o enthusiasmo desse momento em que os vivas confundiam-se com as notas empolgantes do hymno rebelde.

O vasto salão da rua do Carmo apresentava nessa occasião um aspecto imponente. Uma boa parte da assistencia teve de se acomodar pelos corredores, fora os que não puderam entrar.

Falaram ainda diversos oradores e duas operarias, que levaram áquella reunião o brado de protesto das suas companheiras de soffrimentos.

Como poderíamos nós resumir tudo o que disseram os oradores no limitado espaço de que dispomos?

Todos os operarios que usaram da palavra foram concordes em attribuir ao 1.º de Maio o seu caracter de protesto e de reivindicação. Foram todos unanimes tambem em constatar a necessidade da união da classe operaria em associações destinadas a defender os seus direitos economicos e moraes.

Pelo meio-dia Edgard Leuenroth tomou novamente a palavra para, em nome da União dos Canteiros, dar por encerrado o comicio. Esse companheiro aproveitou então a occasião para se occupar da agitação contra a carestia da vida, convidando o povo a tomar nella parte activa, pois é ao povo que cabe a defesa dos seus interesses. Terminou convidando os presentes a tomar parte no comicio das 7 e 11½ da noite do largo de S. Francisco.

E, cantando em coro a "Internacional", o povo saiu para a rua, formando-se em uma compacta columna, que percorreu o triangulo central e dissolveu-se na rua da Consolacão.

O comicio do largo de S. Francisco, que prometia ter uma concorrência extraordinaria a se avaliar pelo enthusiasmo reinante,

foi prejudicado pela chuva que começou a cair logo á tarde.

Mesmo assim, a União dos Pedreiros e Serventes reuniu-se no Bexiga, de onde veio para o largo de S. Francisco.

Apesar da chuva torrencial com que o Padre Eterno protestava contra a nossa heresia... falaram alguns operarios, seguindo depois a commissão dos pedreiros com a sua bandeira pelo centro da cidade.

Foi, como se vê, um proveitoso dia de propaganda, que certamente dará resultado praticos para o movimento operario, como podemos verificar por esta moção apresentada por Edgard Leuenroth no Salão Celso Garcia e approvada com uma enthusiasma acclamação:

«Os operarios de S. Paulo, reunidos em grande comicio no Salão Celso Garcia para commemorar a data de 1.º de Maio, decedidos mais do que nunca a proseguir na luta para a reivindicacão dos seus direitos de dia para dia em crescente menospreso por parte dos dominadores da sociedade capitalista e, conscientes do valor da solidariedade nessa mesma luta, affirmam o seu decidido proposito de iniciar com a reunião de hoje um activo e constante trabalho de organizacão dos syndicatos das diversas categorias de operarios de S. Paulo, sem o que os seus esforços se tornarão nullos pela falta de uma acção conjuncta das innumeradas energias dispersas.»



A FESTA DO DIVINO

AS GRANDES ESPECULAÇÕES CLE-
RICAS—PALHAÇADAS INADMIS-
SIVEIS.

Fui certa vez, por mera curiosidade, assistir a uma das chamadas festas religiosas, inventadas e instituidas pela sequiosa clericalnanha.

Era então, como soube depois, occasião da festa consagrada a um tal Divino Espirito Santo, cuja personalidade religiosa e cujos humanitarios feitos historicos absolutamente desconheço, talvez por ser bastante ignorante em materia de religião clerical, pois só sei que esse festejado «espirito» foi um aguiá que pintou o diabo a quatro para conseguir subir ao céu, cuja porta lhe foi aberta por vir elle disfarçado em uma purissima pomba.

Logo depois que entrei na igreja, senti-me mal, não só por causa do ar viciado, do aperto e da desordem como tambem por causa do injustificavel e vergonhoso apparato carnavalesco que havia dentro de uma casa intitulada igreja christã.

Percebi por cima das innumeradas cabeças dos fiéis uma porção de bandeirolas coloridas, varios estandartes grotescos e alguns bonecos ou imagens grimpados em algumas «pinoias» ou andores tão enfeitados que eram ridiculos.

Lembrei-me então de alguns bonecos que vi nos museus europeus e que muito se assemelhavam com os que via em um templo christão.

Estava examinando as paredes e os altares quando recebi pelas costas um colossal tranco que me atirou em cima de varias pessoas; o choque foi tão forte que, apesar de ser «sportman» apreciador do «foot-ball», quasi caí.

Depois de recuperar o equilibrio continuei o meu minucioso exame; de cada imagem que eu via perguntava a uma pessoa ao lado o nome, e assim fiquei sabendo o de muitos.

Um boneco vestido de fraque e encartelado, grimpada em um andor, era S. Roque.

Uma imagem adamicamente vestida e com duzias de flechas enterradas no corpo era o bello S. Sebastião.

(Creio bem que foi devido a essa imagem que os astutos industriaes inventaram os paliteiros de biscuit).

Estava rodeado de uma palhacada carnavalesca tão pomposa e tão ridicula que já me propunha a sair daquelle antro de mercadores, que ludibriavam ingenuos carolas, quando subitamente todos se levantaram.

Perguntei logo a um christão qual era a razão daquelle «levantamento» geral.

Respondeu-me que ia ser feita a «inleição» dos festeiros; essa resposta com grande custo ouvi, por causa da algazarra que predominava naquelle santo recinto.

No altar principal vi dois padrecos cobertos de vestimentas vistosas e espalhafatosas que recebiam de dois «anjos» uns papelinhos que iam lendo.

Com grande custo consegui ouvir uma parte do sorteio que era uma mina de ouro para os revererendos roupetas.

Um dos padres lia o nome da victima e o outro dizia o que ella tinha de dar ou tinha de ser:

— Sr. Fulano de tal.

— 15\$000.

E todos os olhares se voltavam para o lado onde estava o Fulano de tal.

— Sr. Simplicio Fagundes.

— Um boi.

E ninguem reagiu contra o insulto.

— Capitão Ambrosio da Cunha.

— Alferes da bandeira.

Tive pena do capitão, que fora assim rebaixado sem prévio conselho de guerra.

Logo após seguiu-se outro:

— Coronel Zebedeu.

— Tenente da coroa.

— Bento Segismundo.

— Um bezerro.

— Tenente Remoaldo de Jesus.

— Capitão do mastro.

Respirei. Tinha havido uma promoção.

— Sr. Raymundo Martins.

— Imperador!!!

Houve um sussurro por toda a igreja e um sujeito fardado de roxo berrou com toda a força de seus pulmões:

— Toca a banda!

Seth Latour.

HISTORIA PORTUGUESA

A extincção do tribunal

do "Santo Officio"

(31 de março de 1821)

A d. Manuel I, que um duplo bamburrio levou inesperadamente ao throno, foi imposto, para que pudesse casar com a viuva do filho de D. João II, victima de um desastre que talvez fosse casual, que expulsasse de Portugal os judeus e mouros e obrigasse ao baptismo e ao catholicismo todos os portuguezes.

Assim o exigia a corte castelhana, desde seculos obsecada pelo fanatismo religioso. A corte portuguezia fanatizou-se tambem, para agradar á rainha. O herdeiro do throno, D. João III, foi desta forma *deseducado*, pondo-se-lhe o tal Deus e a tal religião catholica, perversa e intolerante, acima de tudo. Ha quem o qualifique de estúpido e máu. Não temos dados para corroborar ou negar essa arguição. O que sabemos é que, educado numa corte bestificante, o rapaz, por muito intelligente que porventura fosse, tinha que resentir-se do meio em que nasceu e viveu, e que obsecou por completo.

Foi elle — segundo dizem dados historicos que nos ensinaram — que, com sacrificio do erario nacional, levou o papa a decretar a criação em Portugal da alçada inquisitorial destinada a acabar com a heresia. Estabeleceram-se, em Portugal e seus domínios, quatro tribunais permanentes, que funcionavam em Lisboa, Evora, Coimbra e Goa, e outras alçadas secundarias, em Thomar, Porto, Lamego, Cabo Verde, Angola, etc., onde tambem se realizaram execuções, dessas em que, sob pretexto de *salvar as almas*, se lançavam individuos vivos ás chamas, que elles diziam ser o *emblemã terrestre do fogo eterno*. Não mettendo em linha de conta as victimas das alçadas secundarias, a historia apresenta-nos, só para os quatro tribunais permanentes, este sudario horroroso:

Lisboa — Queimados vivos, 355 homens e 221 mulheres; sujeitos a tormentos, 6.005 homens e 4.960 mulheres; mortos nos carceres, 1.706 homens e 556 mulheres. Evora, respectivamente 234 homens e 200 mulheres; 6.916 e 5.765; 801 e 667. Coimbra: 180 e 215; 6.249 e 7.252; 640 e 720. Goa: 82 e 32; 4.840 e 1.512; 725 e 227. Total de victimas, incluindo queimados vivos, torturados e mortos nas prisões: — 27.735 homens e 22.917 mulheres.

Por esta leve resenha de numerozinhos, que, como dissemos e nunca é demais repetir, não incluem senão as victimas dos quatro tribunais per-

manentes, se vê o que era esse tribunal maldito, inventado pela não menos maldita religião catholica, apostolica romana para se desfazer dos que lhe não seguissem á risca os intolerantes preceitos. Durante o periodo de 281 annos de vigencia da Inquisição em Portugal era entregue ás chamas quem, *sem bula*, comesse carne ás sextas-feiras ou aos sabbados, quem não gostasse de carne de porco, quem faltasse a uma missa ou a uma confissão, quem lesse ou não denunciasse que vira ou ouvira ler livros hereticos, e tambem quem, sendo rico, pudesse, pela confiscação, augmentar com os seus bens o pecullo do *pobresinho* do Vaticano e dos não menos *pobresinhos* seus fanulos.

O marquez de Pombal, que, apesar de toda a sua energia, não teve forças para acabar com este tribunal intame, ainda assim conseguiu vibrar-lhe um fundo golpe com o decreto em que lhe limitou consideravelmente a jurisdicção e os poderes. Estava reservada ás Côrtes Constituintes que haviam de nascer da revolução de 24 de agosto de 1820 a gloria de lhe dar o golpe de misericórdia. E a essa gloria não se esquivou a grande revolução. Logo nas suas primeiras sessões, o deputado Francisco Simões Margiochi apresentou uma proposta para que fosse abolida esta mancha de sangue e de vergonha que ainda existia na nossa legislação. A proposta de Margiochi teve larga e acalorada discussão.

Augusto José Vieira.

Biblia vermelha

Cada passo da humanidade está manchado de sangue e mostra o esforço e o labor da raça humana. Cada passo é uma esperança e um sonho, a esperança e o sonho da liberdade, os mais caros ao coração dos homens.

Clarence S. Darrow.

No tempo em que nós, os japonezes, não tinhamos senão artistas, eramos por vós considerados como selvagens; agora que fazemos a guerra, achais-nos civilizados!

Motono (embaixador).

Quem discute apresentando autoridades não dá prova de genio, mas antes de boa memoria.

Leonardo de Vinci.

Em Campinas, Jundiahy e Santos

Participamos aos nossos assignantes destas cidades que por toda esta semana serão visitados por um nosso companheiro.

Todos sabem que estas viagens custam-nos grandes despesas, razão pela qual estamos certos que nem um só dos amigos da *Lanterna* deixará de contribuir com a sua assignatura.

Os que não puderem ser encontrados, farão o favor de deixar em casa a quantia devida.

Aos libertarios do Braz

Todos os libertarios residentes no bairro do Braz são convidados a tomar parte em uma reunião que se realizará amanhã, domingo, ás 3 horas da tarde, no largo da Sé, 5 (sala n. 6), na qual se tratará de uma iniciativa de propaganda que interessa especialmente os companheiros desse bairro.

Um grupo de companheiros.

A "Lanterna" em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circunvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andra-Neves, 558, e que está autorizado a tratar ali de tudo quanto se relaciona com a *Lanterna*.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$800 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$800.

Aos nossos assignantes

Atm de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communicarem a primitiva residencia,

O progresso de S. Paulo

III

E' natural que todos os argentinos, não só de S. Paulo mas de todo o mundo, disponham de seus capitães como lhes convier, visto serem donos, senhores e possuidores de seus haveres; é um direito que ninguém lhes pôde contestar; e afinal, nada temos que ver com isso.

Porém consta-nos, não sabemos se é ou não verdade, que o illustre conde papalino que assignou duzentos contos de réis para a construção da nova cathedra em projecto, é um dos maiores e mais adeantados industriais da capital paulista, como um dos maiores argentinos possuindo, dizem, uma fortuna superior a sessenta mil contos. Se tudo isto é verdade, bom proveito que lhe faça.

Mas se é facto que o illustre conde subdito do rei papa, que subscreveu duzentos contos de réis para a nova cathedra é o mais adeantado industrial e o maior capitalista de S. Paulo, não tomamos a liberdade de lhe perguntar: — Quem foram seus auxiliares que concorreram em parte ou no todo, para esse rasgo de liberalidade tão pronunciada e franca?

E' de supor, se não certo, que foram seus operarios que com sua boa vontade, com sua dedicação até ao sacrificio, empenhando toda sua vitalidade em troca de um modesto salario, para elles e suas familias não morrerem de fome, que produziram esse elevado capital de duzentos contos de réis e muito mais, para que o illustre conde, subdito do papado, podesse por sua vez assignar tão elevada quantia para a construção de um templo de uma seita religiosa em decadencia pela immoralidade de seus ministros, como o provam os factos praticados no Orfanato Christovam Colombo e muitos outros, como também pelo luxo do seu culto externo proprio do mais grosseiro paganismo, que será sempre e eternamente a pedra de escandalo perante a moderna civilização, perante a mais modesta razão, em face do mais elemental raciocinio, e em face mesmo dos proprios Evangelhos que diz acatar.

Mas afinal, o illustre conde que foi tão generoso e de uma liberalidade tão franca, abrindo com mãos largas os cordões á bolça, offerecendo duzentos contos de réis para a construção de um casarão que não poderá trazer a humanidade soffredora utilidade alguma, nem pratica nem theorica, visto que a construção de uma grande cathedra archiepiscopal na capital do Estado de S. Paulo, só traduz o mais deploravel luxo, a mais triste vaidade, o mais doloroso desperdicio, onde se fundirão grandes capitães na construção de uma montanha de granito, argilla, calcario, madeiras e ferragens, só com o fim da mais alta generosidade de agasalhar ídolos e bonecos que não sentem fome nem sede; não têm frio e nem calor!!

Entretanto, illustre conde, o que tendes feito em prol de nossos irmãos, os operarios, que sentem fome e sede; que soffrem frio e calor? Nada!! Simplesmente nada!!

A triste classe operaria habita casas sem ar, sem luz, sem hygiene, não podendo nessas habitações insalubres, recuperar suas forças gastas em um trabalho continuo em vosso proveito e de muitos madraços que nada fazem em prol da humanidade; até que os pobres operarios chegam a um estado de marasmo semi phisico e moral, por sua dedicação ao trabalho, por sua honestidade, por sua elevada boa fé, por sua simples ingenuidade!

Assim, illustre conde papalino, como fostes de um altruismo digno de vossa grande riqueza para com vossos ideaes religiosos, temos a certeza que teréis também um elevado sentimento sociológico, pondo de parte crenças religiosas, para vos collocardes á frente de uma empresa digna de vós mesmo, para a construção de villas operarias, já por vossa iniciativa pessoal, já por vossa iniciativa accionista, como um dos maiores accionistas de uma sociedade anonyma para tal fim, vinculando vossa nome a um dos mais elevados melhoramentos em prol da afanosa classe operaria e para a grandessa e progresso deste poderoso e

grande Estado, digna patria dos arrojados bandeirantes. O nosso appello não é unicamente dirigido ao illustre conde papalino, mas a todos os seus companheiros de assembleia reunidos no dia 25 de janeiro p. passado, no palacio S. Luiz, a convite do illustre arcebispo d. Duarte Leopoldo.

Se nos temos dirigido directamente ao illustre conde, subdito do papado, é pelo facto de ter elle sido o maior assignante que subscreveu duzentos contos de réis para a construção da futura e grande cathedra paulista.

E' necessario que os illustres e grandes industriais, assim como os não menos illustres e grandes capitalistas comprehendam esta verdade: — A classe operaria, composta de trabalhadores de todos os matizes, desde o artista industrial até os trabalhadores da lavoura, é o unico elemento de progresso, factor das grandes riquezas, quer pessoal quer colectiva; como tem sido e será a grande alavanca do movimento progressivo dos povos, da grandeza e prosperidade das nações!

Entretanto a classe operaria até nossos dias tem sido tratada como os párias da moderna sociedade, sendo os seus maiores tyrannetes a classe renegada dos burguezes que enriqueceram á custa de seu trabalho e labor continuo e sem descanço algum em toda sua vida!

Aparé.

O CASAMENTO DOS PADRES

A respeito do celibato ecclesiastico, cuja abolição não resolveria certamente a questão clerical — ao menos para nós, que consideramos o padre, mesmo casado, como um parasita nocivo e interessado na persistencia da exploração e do embotecimento de que tira proventos — achamos interessante reproduzir do *Diario de Noticias*, de Lisboa, numero de 22 de janeiro, a seguinte carta de Roma:

No theatro Argentina — onde actualmente está a companhia dramatica Estavel — estreou-se, hontem a noite, com grande êxito uma comedia novissima, em tres actos, de S. A. Berta, intitulada "La Carne".

O autor quiz apresentar em scena uma questão moral e social, a prohibição aos sacerdotes de casar, argumento não completamente novo e que em Italia, pelo menos está muito longe de ter uma solução definitiva.

Como é de supor, dadas as opiniões liberais professadas pelo sr. Berta, a comedia é partidaria de que essa prohibição seja abolida; e, para sustentar a sua theza, vale-se de um caso simples e persuasivo.

A acção de todos os tres actos da comedia, passa-se em casa de monsenhor Anatolio, que é o paroco de uma aldeia qualquer, mas que é o que se chama um homem superior e geralmente querido pelo seu bom coração.

Vivem com monsenhor Anatolio sua irmã Clarisse, uma solteirona muito beata; seu sobrinho Luciano, para quem elle tem sido como que um pai muito affectuoso, e uma rapariga — Frida — que ficou orfã sendo ainda criança e que foi caritativamente recolhida, em sua casa, por monsenhor.

Luciano e Frida criaram-se juntos, e, ao alcançarem a idade de reflexão, comprehendem que se amam. Mas a tia Clarisse, destinou seu sobrinho para a vida sacerdotal; e Luciano ainda que não tenha por aquelle genero de vida uma verdadeira vocação, deixa-se convencer por sua tia, especialmente quando ella lhe deixa comprehendê-lo, fazendo-se padre, salvará a familia, a parochia mesmo, quasi da miseria, causada pelas prodigalidades beneficentes de monsenhor Anatolio, pois que uma velha marquezada deixou por testamento a sua consideravel fortuna á igreja, ou melhor, á Luciano, com a condição de que elle se fizesse sacerdote e continue vivendo na diocese de seu tio.

Sem embargo, monsenhor Anatolio, tenta apartá-lo da vida sacerdotal e o mesmo faz a senhora Raymunda, uma tormosa viuva. Passam seis annos. Tudo mudou: em casa de monsenhor reina agora o bom estar. Frida fez-se uma linda

rapariga e Clarisse é feliz por ter seu sobrinho padre.

Luciano volta a casa: e, como é facil de provar, demonstra-se a vez mais a verdade do adagio "quien ha bebido, beberá... quien ha amado, amará..."

A paixão, que a separação tinha somente adormecido; revive de novo nos corações de Luciano e Frida e as consciencias não tardam a manifestar-se, pois que o joven padre não soube resistir aos estímulos da carne.

Frida quer redimir a sua falta matando-se. Mas interpõe-se monsenhor Anatolio, informado do occorrido por outro sacerdote; e quando lhe perguntam: Que aconselhas tu nestes casos, aos teus penitentes? o outro responde sem vacilar: "Casar-se com a mãe e dar um nome á innocente criatura."

E, a seguir, monsenhor Anatolio, com argumentos tirados da Biblia, da natureza humana, da moral e das necessidades sociais, demonstra o absurdo da obrigação de ficarem solteiros os sacerdotes.

A efficaz phrases de monsenhor inspiradas em uma grande logica de humanidade, convenceram, hontem á noite, plenamente, o auditorio, que interrompeu as suas affirmações com uma estrondosa salva de palmas.

Mas devemos deduzir desde já que a questão não suscitará opiniões diametralmente oppostas? Não importa. Certos problemas não temem ser debatidos; e sempre é conveniente voltar a pôl-os em discussão, para vêr se apparecem resoluções definitivas.

O sr. Berta tratou a sua theza sem luxo algum de erudição theologica ou philosophica e disse pela bocca de monsenhor Anatolio, tudo o que um homem simples e honrado puder tirar da sua experiencia e das suas observações sobre as coisas da vida. Graças a tão louvavel procedimento, não aborreceu nunca o publico. E com effeito os tres actos da comedia passaram alegremente, entre tipos bem deliniados e situações interessantes, sendo o dialogo correcto e proprio mesmo nos momentos mais escabrosos, como a conversa entre monsenhor e a viuva... alegre, Raymunda.

A interpretação dada á linda comedia de Berta, pela companhia Estavel, foi surprehendente.

E. T. Ainda e proposito deste assumpto, registemos as opiniões do cardeal Mathieu, do qual a *Nouvelle Revue* publicou uma memoria, que parece ter sido dirigida ao papa em 1904.

Alguns trechos: "A lei ecclesiastica do celibato, como é applicada na Igreja catholica, tem, ao menos aparentemente, um lado odioso e que scandaliza: é a opposição systematica da Sacra Penitenciaría a desligar o padre dos seus empenhos e a absolvê-lo do casamento, para o rehabilitar, se não em suas funções sacerdotaes, pelo menos na sua vida de christão e seus deveres de pai."

"O padre é absolvido de todos os crimes, mesmo contra a natureza, excepto do casamento segundo a ordem da natureza."

"O padre é absolvido quando infringe as leis naturaes e divinas, mas nenhum confessor o pode absolver se infringe a lei ecclesiastica e humana do celibato."

A revolução mexicana

Não pudemos inserir em nosso numero passado, como haviamos prometido, a lista de subscrição iniciada pelo companheiro Feliciano Chans e cujo producto já foi remetido ao comité do Partido Liberal Mexicano.

- E esta a lista: Feliciano Chans, 25\$. José Muñoz, 10\$. José Cabrera, 5\$. Ignacio Dertonio, 5\$. Francisco Martinez, 5\$. José Cortez, 5\$. Ildefonso Perez, 5\$. José Sanz Duro, 5\$. J. M., 5\$. Isaac G. Lopes, 5\$. Antonio Berdugo, 2\$. Antonio Savane, 2\$. Ildefonso Cabrera, 2\$. Juan M. Lopez, 2\$. Miguel Cabrera, 2\$. Fernando Campos, 2\$. Antonio Rivas, 2\$. Manuel Romero, 2\$. José Ruiz, 2\$. Antonio Romero, 2\$. Antonio Manzano, 1\$. José Telles, 1\$. Gabriel Sanchez, 1\$. Diego Roca, 1\$. Pedro Bischoff, 1\$. Antonio Napoleón, 500 réis. Um Ignorante, 1\$. Leoncio Serrano, 1\$. Manoel Conde, 1\$. Miguel Prieto, 2\$. Manoel Romero, 2\$. Total, 120\$500.

C. E. S. "Francisco Ferrer"

O Circulo de Estudos Sociais FRANCISCO FERRER, desta capital, pede ás administrações de revistas e jornais de propaganda que lhe enviem um exemplar de cada numero para a sua sala de leitura. O endereço é o seguinte: C. E. S. "Francisco Ferrer", rua da Mooca, 135 — S. Paulo.

Declarações de solidariedade

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro — Nós abaixo assignados, reunidos em assembleia na sede da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, levamos aos denodados combatentes do anticlericalismo Edgard Leuenroth e Oreste Ristori, pela victoriosa ultima obtida, com o despronunciamento do processo contra elles movido pelo sinistro Orfanato Christovam Colombo, victoria essa que é uma affirmação insofismavel das verdades por elles corajosamente proclamadas, trazemos enthusiasmos, a essas camaradas, as nossas felicitações mais effusivas e ardentes. José Rodrigues, Jacob Chain, Iginio Francioli, Manoel Medeiros, F. J. de Oliveira, M. Macedo, M. Santos, José Alves Freitas, João Leuenroth, Carlos Augusto de Lacerda, Joaquim Herrera, Hygino Alves, Adelino Rodrigues Maças, Angelo A. Perez, Francisco Faria, José Ramos, Joaquim Novais, Luis de França, Antonio Abranches da Rocha, Silverio de Araujo, Silverio Gonzalez, Manoel Esteves, Antonio R. Magalhães, Ulysses Martins, Amílcar Boni, Adolpho Busse, Estevão Boni, Manoel Coimbra Flamengo.

Sr. Edgard Leuenroth: Ao ter conhecimento, pelas columnas de vosso herico jornal, da victoria grandiosa que vem coroar o vosso denodado e inquebrantavel esforço e da vossa abnegada missão, qual sou ser esse combate infirme contra a impunidade dos maiores criminosos que a justiça pode comprehendê-los, os clerigos nojentos, victoria essa que se inicia com a vossa despronunciação, eu, que vos admiro em cada numero desse orgão de liberdade e de luta, não posso fazer calar os meus sentimentos de alegria e de applauso, quando, no presente momento, toda e qualquer manifestação de solidariedade torna-se imprescindivel para o realce do vosso valor.

Para os que ainda creem na justiça, apesar de seu decadente prestigio, reflexo da prostituição de seus legitimos defensores, hoje mercadores e traficantes em vez de homens no vigor de suas consciencias, é regozijo grande conhecer a sentença do dr. Adolpho de Mello, filiado ainda a seita dos caracteres puros e nobres que não se deixam arrastar na onda impetuosa dos que procuram a satisfação de seus interesses praticos, em troca da independencia de sua opinião e do seu pensamento.

Por isso é que, cedendo a todos esses legitimos impulsos, eu venho, pela segunda vez, trazer-vos as minhas felicitações; que, convencido da vossa incomparavel victoria, emergindo desse mar infecto de prostituições, de odios, de calumnias, de putridas ambições, onde infelizmente sois levado a ir descobrir as serpentes peçonhentas que se submergem traiçoeiramente nesse charco repugnante, eu congratulo-me com o intemerato, director da *Lanterna*, o famoso phanal que desvia os incutidos da ilha infernal, a Igreja Catholica, em cuja pedra tantos batem e sos-sombram!

Rio, 16 — 4 — 1912. — Augusto Fontenelle.

Cidadão Edgard Leuenroth: Com o mais effusivo enthusiasmo, abraço e ao amigo Ristori por mais um triumpho alcançado na impronuncia do novo processo arranjado pelos satyros do orfanato covil. Dia em dia mais coradas de louro engrinaldam a bandeira desfaldada em defeza da honra da familia brasileira. Parabens! parabens!

Florianopolis, 17 — 4 — 1912. — Chrysanto Eloy de Medeiros.

Edgard: Felicito-te e ao Ristori pela impronuncia no processo do maldito Orfanato. Mais uma vez ficaram desmascarados os infames e cobardes responsáveis pelo desaparecimento da infeliz Idalina de Oliveira.

Carlos A. de Lacerda.

Bilhetes e recados

Monte Azul — F. R.: Fizemos a transferencia do assignante indicado, Saudações. Serrinha-Pedras — J. F. Silva: Remette-mos os pacotes pedidos. E' realmente um bom meio de se estender a propaganda. Saudações.

Santos — J. Louzada: Começamos logo a enviar o jornal para o novo endereço. Os folhetos d'vrem ser remetidos pelo Frigerio. Saúde!

Canos — J. O. F. da Cunha: Fez feita a transferencia de accordo com a sua indicação. Saudações.

Rio — M. V. de Carvalho: Aproveitaremos os boletins que teve a bondade de enviar-nos. Com minha, procuram elles tirar proveito de todas as situações. E fazem o mesmo por toda a parte. Saudações.

Restinga — A. B.: Recebemos a importância de sua assignatura annual. Remette-mos as medalhas e os folhetos. Saudações.

Sorocaba — J. R.: Está muito bom. Tenha paciencia e prosiga na tua obra. Consoa-nos a certeza de um lugarzinho no Paraíso... Saudações.

Mineiros — U. B.: Agradecemos as informações que nos torneceu. Saudações. Bebedouro — N. de Castro: A remessa tem sido feita com regularidade, seguindo o seu jornal com os demais dahi. Saudações.

Guanhães — A. A. B.: Recebemos sua carta e a correspondencia. Voltaremos a tratar do nosso heroi da Correntes e tambem dahi. Estamos abarbutados com a tarefa de tantos feitos verificados por esse mundo em fóra. Mas nada nos escapará. Saudações.

Campinas — E. B. J.: Satisfizemos o seu pedido remetendo um pacote de alguns numeros. Saudações.

Jundiahy — M. J. de F.: O jornal tem sido enviado pontualmente ao endereço indicado. Remette-mos os numeros extraviosados. Saudações.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correlio:

Primeira serie, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo. El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo). El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéiz. Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monita Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chies. La Democracia y la Iglesia, por Potvin. 2.ª Serie em publicação: Dios, por Suñer y Capdevila. Los Milagros, por Roberto Robert. Lo que comen los curas, por Frey Gerardo. Viaje al Inferno, por José Nakens. La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez. La Papiza Juana, por Julio F. Mateo. Sonetos Píadosos, por varios. Retratos de José Nakens, 1\$500 réis.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espanhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro. Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1837 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado. Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 67 — S. Paulo

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada também a venda nas seguintes agencias: Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior. Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio. Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa. Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alotto & Irmão. Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A. Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da Confederação Geral de Trabalho 10, BOULEVARD MAEGNTA, PARIS — X. Ano 31 francos 6 meses 18.50 3 meses 9.25

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio. E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

"El Motin"

Este excelente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

"A LANTERNA"

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140. VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Raimalho, 166. AGENCIA DE JORNALS do sr. Antonio Scafito, rua 15 de Novembro, 37. AGENCIA DE JORNALS, rua S. Caetano, 230. SALÃO DE ENORAXATE, rua 15 de Novembro, 4. SALÃO DE ENORAXATE, largo da Sd, 5-A. ENORAXATE, Largo da Sd, 4.

A Lanterna em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Largo 60, ou a Fulgencio Santos, na Escola Elyseo Ratinos. Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 137. Encomendas á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'Os amadores', 'Pela Educação e pelo Trabalho', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'Las Guerras y la Densidad de la Población', 'Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'Che cosa è il Socialismo', 'Romanzo di una Donna', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'Les Prisons', 'L'Esprit de Révolte', 'René Chaugli', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'Elisée Reclus, Evolution e Revolution', 'Urban Gobier, Aux Femmes', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'André Girard e M. Pierrot, Le Parlementarismo contre l'Alton Ouvriere', 'Pedro Kropotkine, La Salariata', etc.

Table with 2 columns: Title and Price. Includes books like 'M. Pierrot, Travail e Surmenage', 'Diretor, Entretien d'un philosophe avec la marchale', etc.

"A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nas seguintes pontos: CAPÉ CRITERIUM, largo do Rocío. Na rua Salvador de Sd, 49, esquina da rua Visconde de Sapucahy (eng. xxate). Na rua da Assembleia, esquina da rua do Carmo, (eng. xxate). RUA DO OUIDOR, 181, agencia do sr. Heaz Lauris. Na rua do Senado, 68. Avenida Passos, 130 (eng. xxate). Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Privet. Largo da Carioca, 9, com o sr. Leonor do Bettino. Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolas Caruso. Estação Central, com o sr. Raphael Mauro. Largo da Lapa, 118 com o sr. Januario Cascardi. Rua 1.ª de Março — Agencia do sr. Mandarino. Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario (eng. xxate). Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (eng. xxate). Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Comp. Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matosa — V. Isabel. Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto.

Leiam! propaguem! o Evangelho da Hora

que se destaca fortemente pela sua originalidade, pela sua bellissima litteraria, pela simplicidade do seu estilo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens. E, não uma parodia, que pediga casto no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrasas lapidas e profundas, em que as parabolias fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço: Um cento 6000 réis Avulso 900 réis Os pedidos de folhetos acompanhados da relativa importância devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubião de Oliveira, 28, S. Paulo. Grupos "Assom" e "Libertad" editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa a temosa e vendida uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente; tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda. São vendidas ao preço de 1\$000 pagando mais 300 registrada pelo correio.